

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal <i>Jornal de Bahia</i>		
Data <i>17/05/94</i>		
Caderno <i>Aqui Salvador</i>	Página <i>11</i>	
Seção		
Assunto <i>Igreja</i>		
<i>Mosteiro de São Bento</i>		

Mosteiro de São Bento vai virar centro cultural



Projeto prevê revitalização do espaço, que já foi palco de várias atividades sociais

Nalra Sodré

Quem desce a Avenida Sete de Setembro em direção à Praça Castro Alves dificilmente notará, ao lado direito da Ladeira de São Bento, a quatrocentona Abadia de São Sebastião de Salvador, o Mosteiro de São Bento, que se ergue em pleno Centro da cidade. Palco de histórias que demonstram a integração ideal que deveria haver entre a Igreja e a comunidade, o mosteiro será revitalizado no próximo mês, numa grande obra a ser executada em parceria do governo do estado, prefeitura de Salvador e vários setores da sociedade.

O plano de revitalização vai transformar a abadia — que tem forte tradição e rígida formação religiosa e social — em mais um espaço cultural. Segundo o administrador da Ordem dos Beneditinos, dom Gregório Paixão, o projeto inclui a construção de uma sala para concertos de orquestra de câmara, de um museu com obras do acervo artístico da ordem, de um museu de paramentos litúrgicos — o primeiro da Bahia que vai mostrar a evolução dos paramentos e mitras usadas pelos sacerdotes desde o século XVII até os nossos dias — e a reforma e ampliação do Colégio São Bento, que vai passar a abrigar também cursos do segundo grau. Com um ensino de alto nível, o colégio é voltado para as crianças carentes. Os monges mantêm 15 bolsistas, e os que podem pagar mensalidade desembolsam 50% menos que

“Incunabulo”, um comentário ao Evangelho de São Lucas, escrito por Santo Alberto Magno. Pela primeira vez, ressaltou dom Gregório Paixão, a população poderá ter acesso a essas obras. Muitos livros antigos estão precisando de restauração, e a ordem vai iniciar um movimento para que o empresariado baiano e setores organizados da sociedade participem do processo de recuperação das obras. A idéia, explicou dom Gregório, é motivar a sociedade para que ela “adote” a restauração de um, dois ou grupos de livros.

A revitalização da abadia inclui também a recuperação da Basílica de São Sebastião da Bahia (Igreja de São Bento) e a construção de uma galeria de arte que abra espaço para os novos artistas plásticos. Pela sua importância na cidade e o valor histórico e artístico do acervo, a revitalização do Mosteiro de São Bento se impõe e a ordem proprietária, a dos beneditinos, não tem condições de arcar isoladamente com os custos do trabalho. Na avaliação de dom Gregório Paixão, este é um bem que transcende o aspecto de propriedade privada, por se constituir em exemplar da cultura brasileira, de interesse da própria comunidade. Este fato justifica as ações e esforços empreendidos na busca de recursos para realizar a obra.

A ordem não pretende apenas a restauração física do patrimônio, mas, acima de tudo, restituir à cidade uma instituição cultural pública através da biblioteca, da exposição do acervo de arte sacra, da criação de um espaço pa-



Dentro do projeto de revitalização do mosteiro, dom Gregório destaca a abertura da biblioteca à comunidade

Fotos de Sidney Haack

passar a abrigar também cursos do segundo grau. Com um ensino de alto nível, o colégio é voltado para as crianças carentes. Os monges mantêm 15 bolsistas, e os que podem pagar mensalidade desembolsam 50% menos que os preços normalmente praticados no mercado.

Biblioteca — Uma biblioteca com um acervo de 1.688 livros será modernizada e aberta ao público após a reforma. A biblioteca possui livros raríssimos. Alguns datados de 1504 como o

tauração física do patrimônio, mas, acima de tudo, restituir à cidade uma instituição cultural pública através da biblioteca, da exposição do acervo de arte sacra, da criação de um espaço para a música, da ampliação e modernização do Colégio São Bento, além de permitir intervenções para a melhoria do sistema viário local e proporcionar valiosa contribuição para minimizar o problema de estacionamento de veículos na área.

Ordem surgida há 1.600 anos

O mosteiro mais antigo das Américas foi criado por monges portugueses em 1582, 33 anos após a fundação da cidade. Logo depois, se estabeleceram na colina, próximo ao portão da antiga cidade, onde já estava erguida a Ermida de São Sebastião, no mesmo local da atual igreja. O mosteiro chegou a ter mais de 100 monges, em meados do século XVIII, que dinamizavam a instrução e a vida religiosa da população, inclusive dos indígenas. Componentes de uma das ordens mais antigas do mundo, com mais de 1.600 anos de criada, os beneditinos são monges que sempre se preocuparam com a vida dos mais carentes, desenvolvendo trabalhos de promoção do homem.

Segundo dom Gregório Paixão, não são feitos trabalhos caritativos. "Procuramos desenvolver um trabalho social voltado para o aprimoramento material e espiritual. Mostramos ao homem que ele pode sair da situação de miséria através do seu próprio trabalho. Assim, os nossos irmãos e irmãs (pessoas que se dedicam ao trabalho social, dirigido por nós, beneditinos, mas que não são monges) desenvolvem atividade comunitária com as populações carentes dos bairros da cidade", explica. No setor social do mosteiro, há 15 "irmãos", entre eles o médico Helder Targino, que cuida da área de promoção da saúde, com a fabricação e venda dos remédios caseiros na pequena farmácia situada onde funcionava antigamente a gráfica da ordem.

Prostitutas — "Não condenamos ninguém. O nosso trabalho, como já expliquei, é o da promoção humana e não filantropia", reforça dom Gregório. Assim, também é desenvolvido um trabalho de medicina popular com as prostitutas. Todo o setor social conta com a colaboração de sociólogos, médicos, assistentes sociais, professores, entre outros. Deste modo, os beneditinos já conseguiram atingir cerca de 40 mil famílias. O desenvolvimento material, conseguido através dos cursos ministrados, já melhorou a vida de 1.200 pessoas, que hoje conseguem se manter com o trabalho.

Para se ter uma idéia do trabalho dos monges beneditinos, no século XIX os corredores do mosteiro serviram de enfermaria para tratar dos soldados que combateram na Guerra de Canudos. Voltaram a ter a mesma função quando a "peste negra" dizimou metade da população de Salvador. Atualmente, os 25 monges do Mosteiro de São Bento estão perfeitamente adaptados às exigências complexas de um centro de cidade grande. Entre as mais diversas atividades desenvolvidas, existem os grupos de aprofundamento bíblico e litúrgico, grupo de oblatos beneditinos, além do coral da Juventude com 30 componentes e com mais de 29 anos de existência e que no próximo dia 22 — Dia de Pentecostes — acompanha a celebração litúrgica, às 18h, com cantos gregorianos.

Uma história de resistência

Sempre à frente do seu tempo, os beneditinos definem a identidade de um monge pela escolha consciente de um modo de vida que é, ao mesmo tempo, marginal e impicitante crítico em relação à sociedade em geral e em especial ao consumismo. O monge não foge do mundo nem o odeia, mas se afasta. Renuncia a si mesmo e aos bens que poderia obter para seguir a Cristo. Sendo alguém que busca Deus, o monge se dispõe a um contínuo processo de conversão no dia-a-dia de sua vida comunitária. Assim, ele aprende a arte de amar e perdoar e completa sua personalidade através das riquezas dos outros.

Sempre em contato com as comunidades, os monges inovaram na liturgia e, pela primeira vez após o Concílio Vaticano II, introduziram no coral instrumentos populares como os atabaques e os berimbaus. De forma pioneira, um coral católico cantou em ritmo africano, e foi na Igreja de São Bento que se celebrou pela primeira vez a "missa Luba". "Com as inovações, mostramos ao povo que a elevação, a oração a Deus é possível mesmo usando instrumentos e músicas populares", explica dom Gregório Paixão. Também foi na Igreja de São Bento que foi rezada pela primeira vez a missa em português.

Resistência — A história do Mosteiro de São Bento é a história da resistência de um povo. Nos anos 30, quando a Avenida Sete de Setembro foi construída, o governador J.J. Seabra destruiu várias igrejas como as que existiam na atual Praça da Piedade e no Relógio de São Pedro. Para preser-

var o mosteiro, os beneditinos saíram dos muros da abadia em passeata, protestando contra a destruição. Toda a sociedade aderiu ao movimento e o mosteiro ficou.

Entre as décadas de 60 e 70, período do regime militar, em várias ocasiões os estudantes secundaristas faziam passeatas — na época, proibidas —, e encontravam abrigo no Mosteiro de São Bento, graças ao abade dom Timotéo Amoroso Lima, hoje com 84 anos. Os estudantes muitas vezes dormiram no mosteiro e, para driblar a polícia, sempre de plantão, saíam aos poucos, ao término de cada missa. Durante os atos litúrgicos, dom Jerônimo de Sá Cavalcanti subia ao púlpito para defender os direitos humanos e a volta à democracia.

O próprio dom Gregório Paixão, um jovem monge de 29 anos, é um exemplo da empatia que une os beneditinos à juventude. Segundo ele, o monge tem dois corações: o da vida monástica voltada para a oração, trabalho e o apreço espiritual e o do setor social, direcionado à promoção humana. "A vida de um monge é toda aliçada na fé", explica dom Gregório, que se tornou beneditino aos 17 anos, quando cursava o segundo ano de Direito. Para ele, ser monge significa despojamento, humildade, paz, serviço, alegria e liberdade. Dentro do mosteiro, o monge permanece aberto às necessidades dos homens e ao acolhimento. É livre para encontrar e amar a todos. É quer ser, segundo a vontade de Deus, um instrumento de seu Reino.